

A Gestão da Amazônia Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Propostas

Apresentação

Adalberto Luis Val ¹

Desde o começo dos tempos a Amazônia foi se desenhando para se destacar, não por sua dimensão, por suas diversidades ou amazonidades, mas por incluir um conjunto de intrincadas relações que pode permitir ao homem, paradoxalmente, sua própria redenção. A Amazônia é capaz de reunir, ao mesmo tempo, as condições para proporcionar ao homem moderno as alternativas para a inclusão social e a geração de renda e ajudar a consertar os seus excessos no que se refere às mudanças climáticas, particularmente em relação ao dióxido de carbono. Para isso é preciso, antes de tudo, manter a floresta em pé. Mas é preciso entender, também, os cenários todos que a envolvem e deles tirar lições e propor ações. Esta bela contribuição, preparada com esmero e cuidado, representa uma viagem por estes cenários, a começar pela questão social.

A Amazônia quase sempre é vista como uma extensa região de floresta uniforme que guarda uma imensa diversidade de plantas e bichos e, via de regra, sua população, hoje perto dos 25 milhões no lado brasileiro, e marginalizada nas análises. Neste estudo, não foi. A questão social é tratada de forma maiúscula, tanto no caso das populações urbanas como no caso dos diversos tipos de organização no interior da floresta. Esse recorte conecta-se com as questões relacionadas à floresta e seus tesouros, neste caso incluindo uma análise do desmatamento, sua insustentabilidade e a gama de oportunidades que estão escondidas no coração da floresta e aos poucos vão despertando o interesse de empresários e investidores. Alternativas para geração de renda e inclusão social com a manutenção da floresta em pé são um desafio sem paralelo no planeta, mas os primeiros exemplos de sucesso começam a emergir. O uso do patrimônio natural sem destruição requer ciência, e esta, infraestrutura de pesquisa com alta qualidade.

Neste sentido, as questões mais candentes, como a crônica falta de pessoal qualificado e fixado na região e a escassez de instituições técnico-científicas,

¹ Diretor do Inpa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

são discutidas à luz das demandas por informações robustas para uma forte relação com a iniciativa privada na região.

Evidentemente, o texto refere-se ao importante papel dos três institutos de pesquisa do MCT existentes na região. Mas é preciso mais, muito mais. É necessário, num curto espaço de tempo, ampliar a escala das ações de C,T&I na região para uma grandeza confortável. Os recursos hídricos, dada sua dimensão e crescente necessidade mundial, se constituem num dos grandes cenários futuros da Amazônia.

Mais do que conhecê-los nos seus múltiplos matizes, é preciso desenvolver um competente sistema de governança que deve necessariamente envolver os vários elos da cadeia social no Brasil e nos países vizinhos, já que boa parte das nascentes dos principais rios amazônicos está lá localizada. Ações robustas na área de C,T&I são necessárias também na avaliação dos efeitos das mudanças climáticas globais, resultantes do efeito estufa. Essa questão é tratada aqui com cuidado, mostrando os pontos fracos e os pontos inexplorados da questão e alguns exemplos demonstrativos que sinalizam um caminho possível.

Outro ponto trazido à baila de forma clara e contundente refere-se aos conflitos derivados da frágil estrutura fundiária da região, que está a demandar rapidamente uma estruturação com pelo menos uma razoável demarcação de terras, a fim de evitar os conflitos reinantes que envolvem, entre outros, vários povos indígenas da região. No âmbito dos cenários socioculturais amazônicos, os povos indígenas, suas culturas e seus conhecimentos tradicionais ocupam posição de destaque, mas, como impecavelmente tratado aqui, é necessário conhecer e reconhecer os povos indígenas da Amazônia, que outrora somaram muito mais do que a população de setecentos mil indivíduos hoje existente, distribuídos nas 225 tribos conhecidas. Existe um bom conjunto de informações sobre a Amazônia que tem despertado o interesse do mundo desde o começo dos tempos, como se mencionou. Entretanto, o que falta para que o caminho do desenvolvimento sustentável, com a manutenção da floresta em pé, seja trilhado? A indicação desse caminho já nos foi dada pelos povos da floresta, que com ela vem interagindo ao longo de sua existência.

A parte II deste ensaio trata da economia verde, do potencial da floresta em gerar riqueza. Dez exemplos foram cuidadosamente analisados e estão descritos. Vale a pena conferir os diferentes posicionamentos que evidenciam um ponto comum: o desejo de empreender com a segurança que o mundo

moderno competitivo requer no que se refere ao meio ambiente. Os avanços na concepção dos marcos legais que permitem a interação entre a iniciativa privada e o setor público também são mostrados. Esta parte do ensaio é coroada com considerações acerca de iniciativas desafiadoras e únicas a que o autor, com perfeita percepção, chamou de "Em Busca da Cena Principal". Vale a pena o passeio, com um pouco da história de brasileiros como Vargas e Pedro Furlan, com que nos brinda esta obra. Num ensaio como este não poderia faltar o posicionamento daqueles que estudam e conhecem a Amazônia. São profissionais do mais alto quilate, com posições marcantes, instigantes, grandes e reveladoras da tarimba que reuniram ao longo da vida, interagindo com a Amazônia e estudando-a. Poderiam tangenciar suas posições. Não o fizeram, como era de se esperar desses brasileiros. Foram, por meio de uma linguagem clara e objetiva, revelando posições que ajudam a traçar caminhos, consolidar posições e diferenciá-las das posições frágeis dos que "pulam para dentro do barco" por uma questão de modismo.

As respostas aos questionamentos vão revelando a experiência adquirida no dia a dia, na interação com o homem e com o ambiente amazônico, em todas as suas dimensões. Entre outros, esse é um dos pontos altos desta obra.

Por fim, é retomada a questão do desenvolvimento sustentável na Amazônia. Ao mostrar os diferentes posicionamentos, as questões polêmicas, o que deu e o que não deu certo, vai se evidenciando que a sustentabilidade deve se correlacionar fortemente com o desenvolvimento econômico e social, estes, desafios tão largos como o desafio ambiental. Felizmente, hoje, diferentemente do passado, é possível ter acesso rápido às informações e delas fazer uso, aumentando as chances de sucesso nas novas empreitadas. Aquelas informações, avigoradas pelo avanço científico e tecnológico em curso permitirão com certeza que nossos sonhos de uma Amazônia sustentável se tornem realidade.

Aos que se interessam pelas questões amazônicas, esta obra é de leitura obrigatória. Aos que se interessam pelo Brasil, vital.